

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
**MANUEL VIRGÍNIO PIRES**

Redacção e Administração  
Rua Dr. Ferreira, 13 — TAVIRA — Telefone 127

DIRECTOR

**ISIDORO MANUEL PIRES**

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 5500  
—Para outras localidades. 9900

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

## Marechal Carmona

### 1.º Aniversário da Sua Morte

**P**ASSOU no dia 18 do corrente o 1.º aniversário da morte dessa excelsa figura que foi o Marechal Óscar Carmona, a qual perdurará por longos anos na memória de todos os Portugueses.

Desapareceu há um ano da vida política nacional um grande chefe e um grande cidadão.

Relembra-lo não é mais do que um gesto de gratidão para com a memória daquele que, durante um quarto de século, com elevado apuro moral, conduziu os destinos pátrios.

Nos momentos solenes da vida portuguesa, parece-nos



ouvir uma voz do além túmulo dizer: Presente.

Aqui fica mais este nosso singelo preito de sincera homenagem ao saudoso Chefe de Estado.

### Por esse Mundo fora...

**SEGUNDO** Eisenhower, o papel para jornal é mais de que «munição de guerra a frio e a imprensa constitui uma das armas mais potentes». E acrescentou: «Nada é mais importante para o efeito da segurança colectiva que empreendemos, de que um público informado, cósacio dos perigos a que devemos fazer frente e compreendendo perfeitamente os problemas que a guerra a frio comporta».

**O** VATICANO informou que uma União Internacional para a protecção da moralidade pública, exercendo especialmente o seu objectivo na imprensa e nos divertimentos públicos, nomeadamente nos periódicos ilustrados e no cinema, está a funcionar, com noventa secções, nos Estados Unidos, na Bélgica, na Grã-Bretanha, na França, na Holanda, na Itália, na Suíça, em Portugal e noutros países.

**TRUMAN** concordou em exonerar Eisenhower, a partir de 1 de Junho próximo, do seu posto de comandante supremo das Forças do Tratado do Atlântico. O general pretende também que o coloquem na inactividade, logo que regressar aos Estados Unidos, a fim de se dedicar de alma e coração à campanha eleitoral, no caso de ser escolhido pelo Congresso Republicano para seu candidato.

**SEGUNDO** estatísticas fornecidas pelo Ministério da Justiça, cerca de 10.500 pessoas foram executadas em França por terem colaborado com os alemães durante a ocupação. Só em execuções sumárias, sem julgamento legal, pelos membros da resistência, 8348. Por tribunais legais, depois da liberdade, foram condenados a várias penas 38.266, das quais 2.400 ainda se encontram na prisão.

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

### PELA CIDADE

Teatro António Pinheiro—Espec-táculos da Semana:

Hoje, apresenta a espectacular revista alemã, que totalizou 6 semanas de exibição nos cinemas Odeon e Palácio, *A 3.ª da Direita* (a Mulher dos Meus Sonhos de 1951), com a escultural cantora-bailarina Vera Molnar, a única rival de Marika Rokk. Um grande espectáculo de alegria, música, bailados, luxo, beleza. A ressurreição do cinema alemão na mais assombrosa das revistas. Uma música inspiradíssima, que Lisboa já começou a traçar. Uma sucessão incomparável de quadros de «Feerie» e de raparigas bonitas.

Quinta feira, *Quase um Anjo*. É uma comédia impagável, com Loretta Young e Joseph Cotten, em technicolor. Um dos grandes acontecimentos cómicos da temporada, que durante duas semanas atraiu o público ao Tivoli.

Em complemento *A Cidade Abandonada*. Lutas sem quartel, emoções violentas. Gregory Peck, um valente que as mulheres adoravam e os homens odeiam e todos querem perder.

**Farmácia de Serviço**—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Montepio Artístico.

### PONTOS DE VISTA

## Júlio Dantas

Por ACCURCIO CARDOSO

**O** TEMPO corre, deixando atrás de si um rasto de saudade! Nele se concentram lágrimas e sorrisos que enchem de dor e prazer a sombra imperturbável do passado. Sim, porque nem só o sorriso é detentor da saudade; há também lágrimas que vivem saudosamente dentro de nós, como,



por exemplo, as que se derramam na invocação triste da mocidade, na certeza absoluta de que ela não volta mais!

Falar de Júlio Dantas, do homem que consagrou a vida inteira na elevação da sua Pátria querida, oferecendo-lhe o melhor do seu inconfundível talento, é tarefa longa, que não é fácil. De resto, tudo quanto se possa dizer dos seus méritos prodigiosos está dito e redito pelos maiores valores da intelectualidade portuguesa.

Hoje, que dou, e aqui fica para todos os efeitos, a minha sincera adesão às consagrações que a activa e inteligente Casa do Algarve lhe vai promover, respeitantes ao cinquentenário da 1.ª representa-

ção da «Ceia dos Cardeais», associando-me de alma e coração a tão justa como feliz iniciativa, que coincide com a data

do aniversário daquele ilustre Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, limitar-me-ei apenas a evidenciar nos meus simples e desprentenciosos «Pontos de vista» o meu júbilo imenso, com palavras íntimas e saudosas, perante o facto que se tornou indiscutivelmente o mais puro e verdadeiro acontecimento literário.

Conheci pela primeira vez Júlio Dantas no Porto, na minha terra, sendo-me apresentado quando da sua visita à redacção dum jornal em que trabalhava.

Era um Júlio Dantas bem diverso do de hoje, imponente nos seus compridos e anelados cabelos de azeviche e nos seus famosos bigodes «bordados a retrós pretos», no primoroso dizer do Dr. Augusto de Castro!

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

## DUARTE PACHECO

19-4-1900 - 19-4-1952

**U**M Louletano! Um Algarvio! Um Valor! Um homem! Um Português!

Nasceu, formou-se e viveu, mas a voracidade do tempo cedo o levou nas asas tenebrosas do seu triste e implacável destino.

Se fossé vivo, hoje faria cinquenta e duas primaveras, neste Abril de «manhãs mil», neste mês de ternos dias impregnados de perfumes que as lindas grinaldas de rosas multicolores exalam; neste mês dos gulosos folares, das consoadas de Cristo e o da festiva «Mãe Soberana» — padroeira da terra natal deste distinto, mas inditoso homem de Estado.

Nascido sob um signo predestinado, parece que, foram os auspícios sociais do 1.º de Maio — no Algarve tão familiarmente celebrado — que teriam influido no espírito desse homem o revolucionarismo desta quadra social. E, com tal grandeza de animo que, dir-se-á, foi esse próprio revolucionarismo o génio com que ele gizou, neste Portugal de nobres e remotas vicissitudes, o muito que há feito por todo o País.

### Copejo do Atum

Já partiram para a sua faina habitual as Companhas das quatro armações de atum que se lançam na costa de Tavira.

Vai, dentro de breves dias, iniciar-se a faina do copejo do atum, que durará até fins de Agosto.

Grande em tudo! na aplicação do seu génio, na vontade, no querer, na perseverança, no estudo, no trabalho incessante, na liberdade de preconceitos, na independência de coacções. O homem oportuno de uma época e de uma situação.



Engenheiro Duarte Pacheco

A' sua volta, todos os factores intelectuais, psicológicos e sociais se congregaram, para que esse predestinado fosse um dos maiores entre os maiores.

Viveu a seu modo! O tempo fugia-lhe. As vinte e quatro horas do dia não lhe chegavam. Exigia mais, muito mais...

O local de trabalho deste grande artífice era o seu próprio lar. As plantas, os orçamentos, a economia e os projectos eram como se fossem os seus mais íntimos e queridos membros de

### ARTIGO DE PEDRO DE FREITAS

familia para quem — claramente o denotava — somente vivia; a noite era o seu sossego de espírito para se dedicar a fundo ao estudo e às meditações das vastas reformas nacionais e sociais que lhe pesavam sobre os ombros.

A sua alimentação, muitas vezes, durante o seu labor oficial, restringia-se ao tabaco, de que muito abusava, e à clássica garrafa «termo», contendo o indispensável leite quente de que o seu estômago doente tanto carecia.

O automóvel era o seu melhor elemento de fiscalização aos trabalhos em curso por todo o País. Não podendo perder tempo, dele servia-se para todas as suas deslocações, que o fazia aparecer rápida e inesperadamente em toda a parte, aproveitando-o, até nas próprias marchas, para descanso do corpo e recuperação de energias. Mas o abuso deste meio de transporte foi ao cúmulo do seu sacrifício — nele perdeu a vida!

Nada de inutilidades — era a divisa deste grande sacrificado às exigências do seu próprio destino.

O conciso, a essência, a realidade, a modestia e a simplicidade eram as melhores virtudes sociológicas que o seu génio melhor concebia, o seu feição atendia, até às quais as portas do

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

### Presidente da Câmara

de Vila Real de Santo António

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António o sr. Dr. Manuel Fernandes Vargas.

A importante vila pombalina já tem à frente dos seus destinos, alguém que, pelas simpatias que disfruta no meio e pelos seus dotes de inteligência, será uma firme garantia da defesa dos seus mais legítimos interesses.

Por tal motivo, felicitamos o novo presidente da Câmara de Vila Real de Santo António, fazendo votos pelo desenvolvimento daquela laboriosa e progressiva terra algarvia.

AVENÇA

# Meus Irmãos—Os Trovadores

(Trovas coligidas por LUIZ OCTÁVIO)

Sem te ver, eu passo meses,  
E nisto vai meu tormento.  
Não bastam todas as vezes  
que te vê meu pensamento.

Mário Azevedo (\*\*\*)

Eu queria ser o livro  
da tua predilecção;  
sempre em baixo dos teus olhos  
e em cima da tua mão.

Silvio Fontoura (Est. Rio)

Saudade—dor e prazer,  
ideal materializado.  
Pedaço do nosso ser  
que se desfaz no passado.

Adelino Brandão (\*\*\*)

Fiado—na amizade vem,  
logo, porém, se contrasta:  
Quanto mais fiado se tem  
mais a amizade se afasta.

Francisco Pássaro (S. Paulo)

Pensa em tudo que tiveste  
pra seres bom e feliz;  
foste tu que não quiseste  
e bradas que Deus não quis.

Magalhães de Azeredo

Esta noite tive um sonho,  
sonho lindo e encantador;  
sonhei que beijava a rosa  
da boca do meu amor.

Quintiliano Jardim (\*\*\*)

Tratar de paz nunca é tarde,  
mesmo em matéria de Amor,  
pois, nessa guerra, o covarde  
quase sempre é o vencedor.

Rodrigues de Carvalho (\*\*\*)

Teus olhos sabem prender;  
teu amor, sacrificar!  
Infeliz de quem te vê,  
contado de quem te amar!

Jadir Vilela de Sousa (Minas)

Jurei que te esqueceria.  
Juraste não mais me ver.  
Tu me vês todos os dias  
e eu me esqueci de esquecer.

Mário de Lima Hornes (R. G. Sul)

O sr. Luiz Octávio (Rua Barão de Itaipu 58, Vila Isabel, Rio de Janeiro) gostaria de receber dados, trovas e endereços dos trovadores assinalados com asterisco.

## Pela Província Columbofilia

### Luz de Tavira

**Necrologia**—Após longo e doloroso sofrimento, faleceu no dia 12 do corrente o nosso amigo e assinante sr. Manuel Soares, de 63 anos, importante proprietário e comerciante da Luz onde era muito estimado, e cuja morte foi muito sentida.

No funeral, que se realizou no dia seguinte para o cemitério desta aldeia, incorporaram-se para cima de mil pessoas, que vieram, na sua maioria, de quase todos os pontos do Algarve, para prestarem o último preito ao saudoso finado. Todos se sentiam magoados e pesarosos; e nesta situação bem triste, faziam vir à memória passados momentos de convívio com esse modesto luzense, que muito honrou a sua terra como infatigável trabalhador, pois ninguém esperava há cerca de seis meses, ao vê-lo de aparência robusta e saudável, que tão breve se desse o fatal desenlace.

A beira do túmulo, falou o nosso antigo colaborador sr. Manuel F. Contreiras Júnior—que também representava este jornal—que no seu panegírico focou com inteira justiça as altas qualidades do finado, como cidadão e exemplar, apresentando-o como exemplo digno de ser imitado.

A família enlutada, especialmente sua viúva, sr.ª D. Maria Batista Soares e seu sobrinho e afilhado sr. Apolinário R. Correia e sua esposa, sr.ª D. Maria Natália Dourado Correia, o «Povo Algarvio» apresenta sentidas condolências e acompanha a na sua dor por tão infausto acontecimento.—C.

### Villa Nova de Cacela

Regressou de Lisboa, acompanhado de sua esposa, D. Adelaide Munhoz Cavaco, que naquela cidade foi submetida a uma operação cirúrgica, o nosso estimado amigo e assinante, Alexandrino Guerreiro Cavaco, digno Presidente da Junta de Freguesia.

Felicitemo-lo pelo bom resultado da operação de sua esposa.

Em Lisboa, deu á luz 2 meninas, a filha do nosso estimado assinante, José Guerreiro Tamissa, D. Teresa Tamissa

Há uma espécie de plantas  
que vingam sem ter raízes:  
assim são certos sorrisos  
dos lábios dos infelizes.

Melo Moraes Filho (\*\*\*)

Sómente agora é que vejo,  
na ruína desta esperança,  
que amargo fica o desejo  
do Bem que se não alcança...

Waldomiro de Almeida Sousa (R. G. Sul)

Se a aconselho, sorri.  
E não me dá atenção.  
Queira Deus que nunca venha  
a chorar, dar-me razão.

António da Silva Barradas (Portugal)

O mar tem fundos arcanos,  
abismos desconhecidos,  
profundos como os gemidos  
dos desesperos humanos!

Alvaro Martins (\*\*\*)

E's o amor em delicias,  
o mais perfeito tu és,  
a terra é pobre tapete  
para a glória dos teus pés!

J. Freire Ribeiro (Sergipe)

«Adeus, ilusões queridas,  
lume bom dos sonhos meus.  
Em vós vivi tantas vidas!  
Ilusões, adeus, adeus!»

A. Q. Ramos Jubé (Goiaz)

Este doce sentimento,  
que trago no coração,  
é como um raio de sol,  
penetrando a escuridão.

Neuza Carmen (R. G. do Sul)

Lágrima, gota de orvalho  
que brota do coração...  
Lágrima, doce agasalho  
da dor... prazer... emoção!...

Amália Cagnoto (S. Paulo)

Saudade—única moldura  
em que o retrato de alguém  
indá tem mais formosura  
que a formosura que tem.

Cleomenes Campos (Sergipe)

O sr. Luiz Octávio (Rua Barão de Itaipu 58, Vila Isabel, Rio de Janeiro) gostaria de receber dados, trovas e endereços dos trovadores assinalados com asterisco.

## Pela Província Columbofilia

A Sociedade Columbofila Tavirense realizou o segundo concurso do seu Calendário Desportivo da presente Campanha, enviando 209 pombos a Abrantes, no passado dia 13 do corrente.

A pomba n.º 861 825, de José das Neves, percorreu a distância de 263.325 metros com a velocidade de 1003 metros por minuto, ganhando esta prova. Os dez primeiros concorrentes classificaram-se pela seguinte ordem.

1.º José das Neves, 2.º Dr. Martiniano dos Santos, 3.º António José de Barros, 4.º José Emídio F. Sotero, 5.º Dr. Eduardo Mansinho, 6.º António Felício Nunes, 7.º António José de Barros, 8.º George Alberto Rosado, 9.º António José de Barros, 10.º Dr. Martiniano Santos.

G. R.

Este número foi visado  
pela Delegação de  
Censura.

## VENDE-SE

Uma casa térrea, na Rua da Asseca, com o n.º 66

Um quintalão e armazens anexos, na mesma Rua.

Uma casa, na Rua 5 de Outubro, com o n.º 17.

Um lagar, no Alto de S. Brás.

Tratar com Rui Ortega—Tavira.

Castro, esposa do nosso amigo, Manuel Luís Castro.

Mãe e filhas encontram-se bem e regressam brevemente a Cacela. As nossas felicitações.—C.

## União dos Defensores da Língua Portuguesa

(Novo movimento em prol do Idioma)

A União dos Defensores da Língua Portuguesa é uma Cruzada Espiritual; não tem estatutos, nem quotas, nem corpos gerentes, nem assembleias. Centro propulsor e difusor — Palestras de Língua Portuguesa pelo Prof. Vasco Botelho de Amaral.

A União dos Defensores da Língua Portuguesa consta de duas Legiões:

1.ª Legião de Honra, constituída exclusivamente pelos assinantes das Palestras (só os que desejarem, evidentemente).

2.ª Legião de Voluntários, formado por todos e quaisquer Portugueses da quem e dalem-mar, que, mesmo não sendo assinantes, acompanham este movimento em prol do Idioma português.

Os interessados devem mandar um postal ao autor das Palestras (Avenida Sacadura Cabral, 18, r/c, Lisboa—N) com esta declaração:

«Declaro que desejo pertencer à União dos Defensores da Língua Portuguesa (na Legião de Honra ou na Legião de Voluntários, conforme os casos). Data. Nome. Morada.»

Forma de combate a que se obrigam os componentes da União dos Defensores da Língua Portuguesa:—Mandar um postal de informação ou de emenda a quem o autor das «Palestras», indicar.

### FÓRMULA ou MODELO dos Postais

«Il.ª (Ou II.ª; Dig.ª ou Dig.ª).  
O abaixo-assinado, componente da União dos Defensores da Língua Portuguesa, por indicação do seu tribuno, ou representante, Prof. Vasco Botelho de Amaral, vem solicitar.

Data. Respeitosamente,  
Nome.  
Morada.»

### 9.ª Ordem de Defesa

«Il.ª Senhor Adido da Imprensa à Embaixada Britânica em Lisboa.

O abaixo-assinado (etc.) vem solicitar as diligências de V. S.ª, no sentido de, no Dicionário inglês de Chambers, com a larga expansão universal de 1.890.000 exemplares vendidos, no artigo sobre *brasil* passar a registar-se a palavra portuguesa *brasil*, pois é injusto e errado citar-se, na etimologia, o francês, o espanhol e o italiano, omitindo-se a Língua dos descobridores do Brasil—Os Portugueses. Essa injustiça e esse erro já foram combatidos no *Glossário Crítico de Dificuldades* do nosso tribuno ou representante.»

### 10.ª Ordem de Defesa

«Dig.ª Direcção-Geral dos Caminhos de Ferro Portugueses. Santa Apolónia. Lisboa.

O abaixo-assinado (etc.) vem solicitar: 1.º que a inadmissível inversão bárbara *Lusitânia Expresso* seja emendada para *Expresso da Lusitânia* ou até para *Expresso Lusitânia*; 2.º que se acabe com o teorismo de *través* e se adopte a forma *trama*, como o nosso Povo diz, talqualmente o *tramway* inglês e francês, (aliás, *carro eléctrico*) se reduziu a *tram*; 3.º que se adopte nas estações e nos apeadeiros a grafia oficial, como *Benfica*, com *n*, e não com *m*, etc.; 4.º que nos vagões-restaurantes, além das legendas em espanhol, francês e inglês, se coloquem legendas na Língua de Portugal.»

### 11.ª Ordem de Defesa

«Il.ª Senhor Subsecretário do Exército—Ministério do Exército—Lisboa.

O abaixo-assinado (etc.) vem solicitar as diligências de V. Exce.ª, no sentido de oficialmente se emendar *Mess* dos Oficiais para *Cantina* dos Oficiais. *Mess* em inglês não pertence ao género feminino, como, em linguagem oficial e vulgar, se diz em Portugal. *Mess*, de remota origem francesa, também no francês nunca foi feminino. *Cantina* dos Oficiais, além de evitar inútil peregrinismo, acabaria com o erro grosseiro de se empregar no feminino uma palavra que, no inglês e no francês, não pertence nem jamais pertenceu a tal género.»

### 12.ª Ordem de Defesa

«Dig.ª Direcção do Banco Espírito Santo—Lisboa.

O abaixo-assinado (etc.) vem solicitar que, nos impressos dos cheques desse Banco, deixe de escrever-se «Pague-se contra este cheque». Em Português correcto a preposição *contra* exprime oposição ou movimento em contrário, e não tem o sentido francês de *contra*, na acepção de *em troca de*, mediante.

Escreva-se, pois, mediante este cheque ou em troca deste cheque. *Contra* este cheque expressaria comicamente uma luta que se não dá.

A *Sintaxe Histórica* de Epifânio Dias e o *Dicionário de Dificuldades* do nosso representante condenam o erro de sintaxe sobredito, espalhado por outros Bancos, como o *Lisboa e Açores*, etc., aos quais se pede igual emenda.»

## Agradecimento

A família de Francisco Martins Palmeira, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram a acompanhá-lo à sua última morada.

# FALAM VELHOS LIVROS

## Geneologia da Lusitânia

HÁ UNS TRINTA e tantos anos, seguia eu por uma rua de Lisboa e, por acaso, descobri, num escaparate

de uma casa de artigos usados, um livro forrado com pele de cabra ainda com o respectivo pêlo, que despertou a minha atenção.

Entre no estabelecimento e peço para me o mostrarem, o que prontamente me foi cedido.

Abri-o e li alguns trechos que me interessam deveras.

Já não tinha nem o nome do autor e nem a data da sua publicação. Estava horrivelmente mutilado pelas baratas. Para mim, tudo isso representava os seus cabelos brancos, coisa que eu sempre respeitei para poder exigir respeito pela minha pessoa, porque eu também já sou velhote...

Se Deus me der vida, a 22 do décimo mês do corrente ano, conto sessenta anitos...

Pediram-me por ele dois tostões, quase o salário de um dia de trabalho. Mas paguei sem retorquiar, o que causou certa admiração ao dono da casa.

Ainda, no mesmo escaparate, vislumbrei um outro livro, mas este mais bem enfarfelado e mais completo; por curiosidade, perguntei o custo.—Cinco tostões, meu senhor, nem menos um real—responderam-me.

Em face disso, paguei sem fazer objecção alguma, obrigando-me, assim, a regressar à minha casa, a pé, e ainda era uma légua bem puxada...

De então para cá, tenho conversado muito com os dois velhinhos que, pela sua avançada idade, têm-me dito muitas e muitas coisas... que eu tenho, por ve-

zes, divulgado aos leitores do simpático «Povo Algarvio», e continuarei divulgando, sempre que me seja possível.

Depois do dilúvio, que o «Genesis» nos diz ter submergido o Universo, pela chuva torrencial que caiu durante quarenta dias e quarenta noites, os ocupantes da «Arca de Noé», Noé e sua família, dividiram-se pela Terra, para novamente a povoarem; e, à maneira que as famílias se multiplicavam, iam-se subdividindo. Dessa forma, o quinto filho de Jafet, Tubal, juntamente com outros parentes seus, foi habitador dos dilatados campos da Chaldea; e, algum tempo depois, continuando na sua rotina, passando pela Arábia, Idonea e Palestina, foi dar a um porto que se chamava Jope ou Jafa.

E, ainda na esperança de levar por diante a ideia que formou de fundar uma sua monarquia, prosseguiu sempre em busca de novas terras, até que foi dar a uns sítios onde assentou arraial; e, ali, fundou uma povoação com o seu nome «Tubal», mas que a corruptela transformou em Setúbal, onde fixou a sua residência; e, ali, foram as primeiras cortes da monarquia espanhola, como escrevem escritores portugueses.

Os espanhóis dizem que foi Tubal o fundador do reino da Espanha; mas, na Cantábria, que é hoje Viscaia, é que reinou por espaço de 155 anos, ou seja, desde 1853 até 2008, ano em que faleceu.

Sucedeu-lhe seu filho Ibero criando-se assim a Ibéria.

Depois os reis iam sucedendo-se uns após outros, até ao décimo oitavo, que foi Siceleo, o qual teve um filho chamado Luso, que deu à sagrada terra de Portugal o nome de Lusitânia, nome que, ainda hoje, com muita honra conservamos.

E aqui fica, ainda que a traços largos, a origem do primeiro nome da nossa Pátria—«Lusitânia». Isto é, baseando-me em velhos livros e outros documentos que vou confrontando. Ao valoroso Lusitano Viriato, que com tanta valentia se bateu contra os ocupantes Romanos, até ser cobardemente assassinado por companheiros seus, encarregados da sua guarda, no ano 140, já da nossa era, vamos, na primeira oportunidade, dedicar alguns artigos nas colunas de «Povo Algarvio».

Amadora, Março de 1952

Manuel Neves

## VERSOS DOS NOSSOS LEITORES

### SONHANDO

Linda mulher eu vi!...

O andar era leve,  
A'gil, gracioso,  
E o sorriso, que teve  
Uma tentação de voluptuoso!

Passou ativa,  
Desdenhosa,  
Estátua viva  
De marmore rosa.  
Qual escultura,  
Qual visão,  
Desceu ao mundo,  
Porque o amor  
Lhe deu a mão...

Enamorado,  
Tentei prender-lhe o coração;  
E, com fervor,  
Falei-lhe do amor que me inspirou...

Quando surgiu  
Como um clarão.

Quando, porém,  
Quis tatear a sua imagem,  
Reconheci  
Que essa beleza era miragem.

Desilusão  
Nasceu em mim  
Quando acordei.  
Essa mulher  
De olhos fatais  
Foi vista em sonhos  
E nada mais.

(BBL)

# PONTOS DE VISTA Duarte Pacheco

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Dessa visita, tão rápida como inesperada, guardei sempre uma grata recordação.

Mais tarde, uma vez de passagem em Lisboa, o criado dum hotel onde me hospedei, na Rua da Glória, pousou sobre a mesa onde eu comia, à hora do almoço, um número da *Ilustração Portuguesa* de que era Director Silva Graça. Abri-o, num anseio de curiosidade, e vi, com satisfação, uma bela notícia, repleta de gravuras, acerca da *Canção Portuguesa*, à qual estava dando todo o meu entusiasmo e a minha mais diligente colaboração. Com os retratos de Júlio Dantas e de outros, lá vinha o meu também. Excessiva amabilidade, sem dúvida, daquela interessantíssima publicação, que deveras me sensibilizou.

Daí, o sorriso triunfante do criado astucioso que assim deixava de ignorar o meu nome até ali encoberto!

A «Canção Portuguesa», que passava do palco do República, onde foi introduzida pelo actor Alexandre de Azevedo, para os salões da sociedade elegante de Lisboa, era então exposta em festas de caridade, sob a direcção apaixonada e hábil do Dr. António Viana. A uma dessas brilhantes festas se referia a *Ilustração Portuguesa*, salientando as canções escolhidas e os seus autores.

E que encantamento tinha a de Júlio Dantas, *Eterna Canção*, que Mle. Maria Emília Alen immortalizou com a sua voz divina!

Olho as nuvens doiradas, pelos ares,  
Breves como a ventura que perdi...  
Olho estrelas do céu, ondas dos mares,  
E só te vejo a ti!

Foi conferente o Dr. António Arroyo, mestre e amigo, a quem devo os primeiros passos na vida e cuja memória invoco a cada passo.

E já lá vão para cima de 40 anos, Santo Deus, um mundo de sonhos!

Depois, já em Lisboa, onde me fixe, a convivência afectuosa com Lino Ferreira pôs-me ainda em contacto com o grande poeta. A ele foi então pedida autorização para ser representada no novo teatro «Joaquim de Almeida» a sua admirável peça «A Severa», visto haver demora na conclusão daquela que eu e o Lino deliberámos escrever, com destino à inauguração dessa mesma Casa de espectáculos.

A Empresa, constituída pelos actores Judicibus e Tristão, de camaradagem com Lino Ferreira, fez de mim seu secretário.

E, logo que Júlio Dantas anuiu ao pedido, cedendo a peça, restava vencer a insigne actriz Palmira Bastos para se encarregar da protagonista. Após os receios da incumbência de tanta responsabilidade, à gloriosa artista, parece, não desagradou a ideia. E, muito sucintamente, diremos que o êxito obtido foi magistral.

Palmira Bastos, aplaudida

com delírio, teve ensejo para mais uma vez demonstrar a modalidade do seu invulgar temperamento.

Várias noites falei com o notável autor da «Severa», que sempre distingui com o meu maior respeito.

O teatro «Joaquim de Almeida», porém, teve vida efémera. A custo se foi aguentando por escasso tempo, até que desapareceu dum momento para o outro.

Anos se passaram. Quantos? Não me recordo. Sei, contudo, que ainda encontrei Júlio Dantas no Ministério da Instrução Pública, onde prestei serviço sobraçando a pasta de Ministro, que o seu talento vincou notavelmente.

Depois, depois... veio, naturalmente, o esquecimento.

A obra de Júlio Dantas abrange, por assim dizer, todos os géneros literários.

Orador eloquentíssimo, diplomata e homem de Estado em evidência, ele soube sempre orientar-se admiravelmente com o poder da sua vasta erudição. Além de tudo isto, nunca deixou de dar todo o seu esforço na defesa da unidade e brilho da Língua Portuguesa, como académico de mérito que é.

Júlio Dantas, como afirmou Artur Portela num bellissimo artigo de crítica, foi bafejado pela asa do Génio!

Quando há pouco, o «Século» sugeriu a celebração do cinquentenário de «A Ceia dos Cardeais», eu senti dentro de mim um estremecimento de alegria, por ver assim galardoada essa joia literária, que o seu autor produziu tão delicadamente, cheia de emoção, sentimento e graça, em alexandrinos primorosos, em pouco mais de oito dias!

E não podia ser de outra forma para o triunfo inexcedível dessa maravilha que o nosso teatro reservará eternamente.

A «Ceia dos Cardeais» foi escrita dum jacto após a ideia geradora que lhe deu alma. Os seus versos de oiro saíram espontâneos, num deslumbramento intenso de beleza. As grandes concepções não admitem prolongamento na sua realização.

A «Ceia dos Cardeais» ficou como símbolo de expressão e encanto na literatura dramática, não só do país, como de todo o mundo!

Mas o meu contentamento justificava-se plenamente. Era chegada a hora das grandes homenagens e preciso era também aproveitá-la para mostrar aos homens de amanhã a superioridade dos homens de hoje, que mais tarde devem prontificar nas majestosas bibliotecas, após 50 anos de luta permanente com o pensamento e de esforço intelectual supremo, que eles ainda agora não abondonaram!

Com que saudade assistirão esses homens às manifestações do seu génio criador, aclamados especialmente pelos novos?

Assim se fez já ao ilustre escritor João de Barros, para

se registar eloquentemente os seus 50 anos de actividade literária.

Júlio Dantas foi delirantemente ovacionado na homenagem relativa às bodas de oiro da «Ceia dos Cardeais», que se realizaram no São Luís, casa de espectáculos reconstruída no mesmo local em que se encontrava o teatro D. Amélia, em 24 de Março de 1902, e no teatro D. Maria, onde se representou a magnífica peça, indiferente à destruição impiedosa do tempo, com igual interesse ao da sua *première*.

No elegante «foyer» do São Luís procedeu-se à inauguração duma lápide que recordará a estreia desse monumento de beleza que, por certo, alcançou o maior êxito literário português de há meio século, e conta nada menos de quarenta e duas edições, ou seja mais de duzentos milhares de exemplares! E note-se: A «Ceia dos Cardeais» foi traduzida em quase todas as línguas, incluindo a japonesa, e representada em Paris, Londres, Berlim, Roma, assim como em toda a América do Sul!

O ilustre jornalista Augusto de Castro, a quem, em tempos distantes, mas nunca olvidados por mim, eu dei todo o fervor da minha dedicação, disse há pouco num seu artigo magistral do «Notícias», referindo-se a Júlio Dantas:

«Quando, logo à noite, for mais uma vez aplaudir o meu velho camarada e amigo, debalde procurará na sala as imagens resplandecentes daquela mocidade que a ilustre Ceia evoca nas minhas recordações. Mas o que estou certo é de ver, em cena, ao lado do autor aclamado e dos três Cardeais, a figura invisível, e todavia presente, dum quarto Cardeal — aquele que há meio século, na crónica, na história, na cena, na eloquência, veste de púrpuro e arminho a nobre palavra portuguesa.

Cinquenta anos! Como o tempo passa, Eminência!»

E, como principiei, acabo eu agora, com as mesmas palavras cheias de emoção e de ternura infanda: O tempo corre, deixando atrás de si um rasto de saudade!

Accurcio Cardoso

## PELA IMPRENSA

«Os Ridículos» — Completou 47 anos de existência este nosso prezado camarada, bi-semanário humorístico, o melhor do seu género que se publica em Portugal, fundado pelo saudoso jornalista Cruz Moreira (Caracoles).

A frente do popular e simpático jornal está o sr. Rebelo da Silva, a quem, por tal motivo, endereçamos as nossas mais sinceras e cordiais felicitações e os votos de muitas prosperidades, que são extensivos a todos os que trabalham em «Os Ridículos».

## ACÇÕES

Da Companhia de Pescarias Barril, vendem-se cinco.

Aceitam-se propostas na Redacção deste jornal.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

seu gabinete mais amplamente se abriam.

Redundâncias, tempo perdido, subserviências, coloridos de retórica, fantasias e palavras sem sumo, constituíam, para si, temas da vaidade humana que o seu espírito se negava aceitar.

Discursos escritos que maçam e roubam tempo, assim que deles se apercebia, delicadamente os solicitava e, com a promessa de os ler depois, guardava-os na algibeira.

Sempre que lhe fosse possível, fugia às homenagens. Os vivórios, a música e os foguetes eram para o seu espírito problemas de arraial que a sua índole de trabalho, se negava receber, viver ou presenciar.

Certo dia, uma das bandas de música da sua terra, acidentalmente, encontrava-se em Lisboa. Cumprimentar o ilustre conterrâneo seria deferência amigável e respeitosa que qualquer outro indivíduo ou mesmo homem de Estado não rejeitaria.

E uma numerosa comissão de louletanos sobe as escadarias ministeriais, enquanto, nas arcadas, a banda toca alegres «passo-dobles».

Os funcionários do ministério vibram ao som dos acordes musicais; mas, quanto ao fim em vista, surge a receber a comissão o secretário do ilustre estadista, que agradece em nome do Ministro, e diz-lhe:

— «O sr. Ministro não pode vir atender e receber os seus conterrâneos por se encontrar em conferência.»

Era o horror ao encomiasmo; era o amor ao tempo que ele tanto ansiava por aproveitar, como finalmente sucedeu. E eu, que fiz parte da comissão que nessa ocasião o quis cumprimentar, hoje, sei bem compreender das razões por que ele se escusou receber os seus amigos e relevolhe, em homenagem à sua memória de infatigável homem de trabalho e de Estado, a má impressão e mágoa que causou em todos os louletanos essa falta de recepção aos conterrâneos amigos.

Excepcional feito que o fez Grande Homem de Estado!

Temperado no aço de antes partir do que torcer, não aceitava ou se deixava influenciar por sugestões pessoais, amigas ou familiares, que colidisse com os seus escrúpulos de homem de zelos próprios.

E só assim foi possível conseguir arrostar com opiniões e interesses opostos; que, se então se estimularam em impressões de descontentamento, manda a verdade que se afirme: homem morto, justiça feita.

E hoje essa justiça está bem clara aos olhos de todos que a queiram ver e reconhecer.

\*\*\*

Duarte José Pacheco, mais vulgarmente tratado por Duarte Pacheco, parece ter herdado de seu tio, o Conselheiro e Par do Reino, que em vida deu pelo nome de Marçal Pacheco, as altas qualidades de homem de funções governativas.

Seu pai, muito popular, querido e estimado por todos que o conheceram, José Pacheco, chefe da Repartição de Finanças do Concelho de Loulé, primou por dar a seus filhos o consolador prémio de, em suas vidas, serem alguém. Primou e conseguiu.

Como assim, o «pequeno Duarte», que nascera para os livros e para o estudo, depressa singra todos os degraus das escolas, liceus e universidades.

Possuído de «invulgaríssima inteligência e com as faculdades notabilíssimas da sua capacidade de trabalho, sendo aluno, fez-se mestre; sendo estudante, tornou-se professor.»

Sua família revia-se nos espantosos progressos do «pequeno Duarte», que era, a determinada

altura, o cristalino espelho da alma dos Pachecos e o orgulhoso sucessor de seu tio Marçal. E um dia — no ano de 1923 — o prodigioso estudante termina o curso de Engenharia Electro-técnico. Festa rija nas almas dos familiares e amigos.

Seu irmão Humberto não esconde o entusiasmo emocionante da formatura do mano, e, com os olhos um tanto marejados de lágrimas, ao receber o meu abraço de felicitações, revela-me o seu íntimo, numa profecia que saiu certa:

— «Meu irmão acabou o seu curso com alta distinção; parece-me que irá longe!...»

E não se enganou, na sua maneira de sentir, a gloriosa ascensão do «pequeno Duarte», seu irmão, hoje o meu velho amigo e conterrâneo muito estimado, Dr. Humberto Pacheco. E vejamos:

Duarte, aos vinte é três anos de idade, saíra Engenheiro; aos vinte e oito, era Director do Instituto Superior Técnico e Ministro da Instrução Pública. Aos trinta e dois anos, Ministro das Obras Públicas (primeira vez); aos trinta e oito, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa (segunda vez) e novamente Ministro das Obras Públicas, função que exerceu até aos quarenta e três anos, seis meses e vinte sete dias de idade.

E aqui, quase ainda no princípio da sua carreira de Grande Construtor Nacional e na flor da vida, cessa repentinamente o seu incansável labor e prodigioso talento, porque, naquela fatídica tarde de 16 de Novembro de 1943, a morte, espreitando-o como invejosa do homem de tão grande fôlego, traiçoeiramente o derruba para todo o sempre e no meio da velocidade com que girava um Portugal Melhor e Maior.

E foi assim que «Duarte Pacheco, se tornou, pela lucidez fulgurante da sua visão de estadista e pelo dinamismo criador de homem de acção, um gigante neste nosso Portugal.»

Abre-se-lhe a porta da História Pátria, e há quem, com superior autoridade, o coloque a par do seu homónimo — o outro Duarte Pacheco do tempo das Descobertas (D. João II e D. Manuel I) e dos grandes Reformadores: Marquês de Pombal, António Maria Fontes Pereira de Melo e António Augusto de Aguiar.

«Revista-Internacional», há pouco, em número especial, *In memoriam*, dá-nos valiosíssimos elementos da vida e do valor social e histórico de Duarte Pacheco.

Os mais categorizados nomes na política e na técnica firmam documentos que nos chocam de saudade, pois eles traduzem o mais fiel e insuspeito arquivo de tudo quanto ao Grande Homem diz respeito. O que me permitiu, embora muito modestamente, juntar aos factos do meu conhecimento, estas palavras de homenagem sincera que subscrevo no dia de hoje em que Ele, se vivo fosse, faria cinquenta e duas primaveras.

Barreiro, 19 de Abril de 1952.

Pedro de Freitas

## VAI A LISBOA?

Não deixe de visitar a Pensão CHICA. Com óptimos quartos e esmerado serviço de mesa. Rua dos Anjos, 13-4.º.

## VENDA-SE

A Horta d'El-Rei em Tavira. Recebe propostas em carta fechada o proprietário da mesma, João dos Santos Rodrigues, na Rua da Liberdade.

# Por esse Mundo fora... Dos Livros...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

**PINAY**, chefe do governo francês viu aprovadas na Assembleia Nacional por grande maioria as medidas financeiras para salvar o franco, o que é considerado como grande e incomparável triunfo de uma nova política nacional. As moções foram em número de dez e a que teve maior número de votos, 456, foi a relativa à modificação dos direitos de sucessão.

**A ESPANHA** dirigiu notas verbais aos chefes das missões diplomáticas acreditadas em Madrid de cada uma das nações representadas na Comissão de Fiscalização de Tanger (Estados Unidos, França, Grã Bretanha, Itália, Bélgica, Holanda e Portugal, pedindo a revogação do regime provisório de 1945 e o regresso aos acordos de 1923 e 1928.

**NUMA** entrevista concedida à imprensa, de Beirute, por ocasião da visita que fez aos países árabes, Martin Artajo, ministro espanhol das Relações Exteriores, declarou que a neutralidade dos referidos países no caso de um conflito entre o Ocidente e a Rússia, só favorecerá o comunismo. E acrescentou não se tratar de uma disputa de hegemonias mas de uma luta entre a Civilização e a barbárie.

**NUM** discurso dirigido aos alunos e professores das escolas belgas, por ocasião da Páscoa, Sua Santidade apelou para os

## Instituto António Cabreira

Antigos Deputados

Dr. Juiz António Correia de Aguiar e Engenheiro Lúcio de Azevedo

O Patrono perdeu estes dois queridos Amigos. O primeiro, honrou a magistratura e o funcionalismo administrativo do Império. Como Vice-Presidente da Sociedade de Geografia, em exercício, fez o elogio de António Cabreira, quando presidiu à sua conferência sobre os «Calendários Perpétuos» que inventou. O segundo, um técnico distinto, quando foi do 1.º Congresso Algarvio, acompanhou a Lagos, num navio de guerra, António Cabreira e o Ministro do Fomento, Dr. Manuel Monteiro, que representavam, respectivamente, o Presidente da República, Dr. Teófilo Braga, e o Governo; e colaborou na celebração das Bodas de Prata Académicas daquele, sob a presidência do Presidente da República, Dr. António José de Almeida.

## CARRO

Vende-se na Horta das Canas — Atalaia — Tavira.

quatrocentos milhões de católicos, no sentido de se unirem firmemente à volta de Roma, e afirmaram que a unidade cristã europeia que se procura só se conseguirá pela Fé em Cristo, que é a paz da Humanidade. Além de belgas, peregrinos de várias nações foram recebidos pelo Sumo Pontífice.

IMPARCIAL

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

## Livros e Revistas

«O Volante» — Recebemos o n.º 804, desta excelente revista de automobilismo, turismo e aviação, referente a 15 de Abril.

«Ex-Libris» — Recebemos o n.º 3, desta interessante publicação, de que é seu director o sr. Mário Lourinho Rodrigues Vinhas.

O presente número refere-se à 1.ª exposição alentejana de ex-libris e 1.º congresso português de ex-libris.

Outros assuntos de interesse são focados, tais como religião e música.

«Inválidos do Comércio» — Desta prestimosa instituição, a mais importante no seu género que existe no nosso país e que teve por seu fundador o ilustre tavricense Alvares Botelho, recebemos o relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal referente à gerência do ano de 1951.

Por ele se vê nitidamente a cuidadosa e inteligente administração de tão importante associação de Socorros Mútuos e bem assim o seu extraordinário e sempre crescente desenvolvimento.

Fundada em 1840, já conquistou a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência. Tem a sua sede em Lisboa, uma filial no Porto e agências em Évora e Faro. Os seus fundos permanentes de reserva são 204 238 contos.

E' seu actual presidente da Direcção, o ilustre algarvio sr. Dr. José Guerreiro Murta.

«Últoa» — Recebemos o n.º 6, do Ano XIII, desta excelente revista brasileira que se publica na cidade da Baía e de que é seu proprietário e fundador o sr. A. Amado Coutinho, tendo como Redactor chefe o sr. Pessoa Esteves.

O restante elenco redactorial é constituído pelos jornalistas srs. Rego Nunes, D. Maria Judite Martins e Fernando L. Fonseca. E' seu representante em Portugal o sr. Jorge Ramos.

O presente número é referente a Dezembro do ano findo e traz excelente e cuidada colaboração literária.

Agradecemos a gentileza da visita e vamos gostosamente estabelecer permuta.

## Acções

Vendem-se:

1 lote de 5 acções da Companhia de Pescarias Balsense no Algarve.

1 lote de 5 acções da Companhia de Conservas Balsense.

Tratar na Estância de Madeiras de José Pires Faleiro — Tavira.

## Arrenda-se

A LENHA de mato de meta-de do Cerro da Cabeça.

Recebem-se propostas até ao dia 4 de Maio, no Cerro da Cabeça.

Bob Kreith tudo prevê

Da autoria de Otto Soyka e em tradução de Natividade Gaspar, acaba a Livraria Clássica Editora de apresentar o romance policial «Bob Kreith tudo prevê», história admiravelmente urdida e na qual é protagonista esse rapaz novo, de estatura mediana, olhos castanhos e rosto pálido, que tudo previu na procura do raptor de sua noiva...

...De sua noiva, Etta Ring, escriturária da casa Stelle e Filhos, de dezanove anos, com um metro e sessenta e um, e cinquenta e seis quilos, grandes olhos azuis, pernas direitas e bem feitas, que naquela manhã, contra o habitual, não telefonara a Bob às nove horas e vinte.

TRIBUNAL JUDICIAL  
COMARCA DE TAVIRA

## Anúncio

Pela secção de processos da Secretaria Judicial do Tribunal da comarca de Tavira, na acção especial para adjudicação e liquidação em benefício do Estado, que o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca move contra incertos, provenientes de dividendos abandonados das acções 3, 120, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 196, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 223, 225, 285, 297, 298, 300, 301, 302, 314, 315, 326, 328, 373, 374, 397, 400, 401, 406, 443, 446, 447, 448, 451, 452, 467, 469, 500, 501, 502, 565, 578, 592, 596, 597, 598, 629, 644, 654, 664, 675, 676, 677, 678, 680, 681, 685, 686, 687, 697, 702, 703, 704, 705, 713, 714, 715, 716, 719, 720, 721, 722, 723, 744, 745, 746, 755, 756, 759, 760, 763, 774, 776, 780, 781, 782, 783, 784, 787, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 836, 838, 889, 896, 915, 918, 919, 925, 931, 937, 942, 943, 945, 946, 947, 950, 952, 953, 956, 957, 958, 959, 960, 1.026, 1.028, 1.039, 1.042, 1.043, 1.109, 1.110, 1.119, 1.124, 1.130, 1.131, 1.132, 1.133, 1.134, 1.135, 1.150, 1.181, 1.182, 1.204, 1.205, 1.206, 1.207, 1.209, 1.210, 1.211, 1.212, 1.213, 1.214, 1.277, 1.281, 1.282, 1.288, 1.290, 1.331, 1.332, 1.335, 1.336, 1.341, 1.342, 1.343, 1.345, 1.346, 1.348, 1.349, 1.350, 1.353, 1.355, 1.373, 1.374, 1.375, 1.376, 1.393, 1.394, 1.395, 1.396, 1.397, 1.903, 2.091, 2.092, 2.093, 2.094, 2.095, 2.262, 2.263, 2.264, 2.265, 2.272, 2.273, 2.274, 2.275, 2.292 e 2.293, da Empresa de Espectáculos Tavricense, S. A. R. L., com sede em Tavira, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os interessados incertos para se no prazo de 20 dias, findo que seja o prazo dos éditos, deduzirem os seus direitos na referida acção.

Tavira, 15 de Abril de 1952

O Chefe da Secção,

José António dos Reis Palma

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Hernani Gil Cruz de Campos e Lencastre

## CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da República, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solista Carmo Peres

## VENDA-SE

Um prédio na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 89.

Tratar com Manuel dos Santos Prado — Tavira.

## BICICLETA

Com motor «Cucciolo», em bom estado, vende-se.

Tratar com Valentim Lopes — Tavira.

## CASA "UNIL"

Apresenta ao Ex.º Público as melhores e mais acreditadas marcas de CALÇADO:

PARA CAVALHEIRO:

NILO - HERCULES

PARA SENHORA:

EVA - GARBO - LUSO

São estas as principais marcas, sobejamente conhecidas, óptimos modelos e esmerada confecção.

**GUERREIROS:** é a marca do chapéu da actualidade Grande variedade de fatos (prontos a vestir), desde 180\$00 Calçado de senhora para saldar, desde 50\$00

Rua Estácio da Veiga, 19

Telefone 114

TAVIRA

## RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorol, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viérgines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

## J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

## PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

## J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

## Tipografia "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA — Telefone 127

Executa toda a espécie de trabalho com a máxima perfeição.

Uma maquinaria moderna ao serviço da técnica

Fabricação de Carimbos de Borracha

A casa fornecedora de algumas entidades oficiais da nossa província.

Empresa de Publicidade Algarve, L.ª

Já V. Ex.ª provaram o vinho da marca

## NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, certamente passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

## "NAMORADO"

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

▲ VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS